

José António
Afonso

Modos de socialização numa comunidade evangélica

Modos de socialização numa comunidade evangélica

Memórias de uma professora da Escola do Torne Por

José António Afonso

1. A ancoragem das experiências vivenciais é fundamentalmente o contexto onde se desenvolvem as aprendizagens dos esquemas cognitivos, sejam formais sejam informais.

O contexto, obviamente, deve ser entendido como pluridimensional e pluriespacial, ou seja, existem diferentes modulações que se incorporam e indelevelmente marcam as trajectórias quer individuais quer colectivas.

Uma concepção dinâmica da descoberta do papel das experiências pressupõe, ainda, um realismo simbólico que instituí lugares de comunicação e sistemas de convicção, tal remete-nos para domínios comunitários, que jogam com os tempos sagrados e os espaços de comunhão, permitindo a formação de sínteses pessoais impregnadas fortemente pelas estruturas que autonomizam a bipartição nós/eles, sejam elas o conflito ritualizado, a subordinação, a auto-afirmação ou a hierarquização, sejam, ainda, as linguagens performativas que estruturam o *ethos*.

2. Os processos de legitimação e de consagração são socialmente construídos de forma diferencial, havendo várias circunstâncias que concorrem para a criação de sistemas cognoscíveis, apesar de tradições serem justificadas e reiteradas distintamente, isto é, há universos diferentes que se associam no mesmo processo¹.

No entanto, há a emergência de posições que ultrapassam a inculcação, possibilitando romper com os determinismos e fatalismos quer de ordem material, quer de ordem simbólica.

No caso da construção das vocações dos professores poder-se-ão relativizar os argumentos ideológicos e avançar com olhares que permitam recolher a pluridimensionalidade do meio na impregnação pedagógica: a escolha da profissão não se manifesta exclusivamente na ambição (entendida como corolário do etnocentrismo e do individualismo), revela pelo contrário tudo aquilo que é escondido pela hagiografia, seja, desocultando a noção de missão e colocando nitidamente a problemática nas condições objectivas da existência² e na produção / reprodução das representações sociais³.

¹ Sobre este aspecto a proposta analítica de José Machado Pais para o "culto" de Sousa Martins é extremamente pertinente e sugestiva - cf. José Machado Pais, *Sousa Martins e suas memórias sociais. Sociologia de uma crença popular*, Lisboa, Gradiva, 1994, especialmente pp. 25-97. De forma homóloga poder-se-á reflectir sobre - apesar das circunstâncias serem diferentes - o "mito" lavrar de D. Dioguinho, ou seja, a *construção imaginária* (J.M.P.) da acção de Diogo Casseis; aliás D. Rosa (ver supra) levanta algumas pistas, especialmente quando refere que os alunos arranjavam emprego.

² Esta questão é tratada em Michel Peyramaure, *Les demoiselles des écoles*, Paris, Robert Laffont, 1994.

³ Cf. Jacques Ozouf, Mona Ozouf, avec Véronique Aubert et Claire Steindecker, *La République des Instituteurs*, Paris, Gallimard / Le Seuil, 1992, especialmente pp. 299-330.

Esta introdução conduz-nos à história de vida de Rosa Pinto de Sousa⁴.

Apesar das prováveis similitudes com outras narrações, há aspectos que marcam a diferença aconselhando a que esta voz possa ser entendida como um documento para a reconstituição da história social do protestantismo.

3. Em 31 de Maio de 1912, Diogo Casseis remete a seu irmão André uma carta em que esboça uma cronologia da penetração evangélica, em Vila Nova de Gaia⁵.

Aí diz-nos fundamentalmente duas coisas: uma primeira em que vinca a sua determinação no domínio religioso, e uma segunda que corresponde à materialização dessa disposição.

Leia-se, então, a missiva:

"Em conformidade com o seu pedido mando-lhe as datas seguintes:

a 1? *Capella do Torne* (agora escola do sexo masculino) foi edificada em 1868, mas eu estava então condenado, os serviços Divinos só principiavam em finais de 1869 depois da minha absolvição.

Em 1875 foram edificadas as actuais salas de escola para o sexo feminino e aula infantil.

Em 1880 quando foi inaugurada a Igreja Lusitana, fui Licenciado *Ministro Leigo da Congregação do Torne*.

Em 1884 fui instituído diácono.

⁴ A entrevista foi realizada pelo Prof. Doutor José Manuel Pina Cabral, em 18 de Maio de 1980. A transcrição é de nossa inteira responsabilidade. Desejamos expressar o nosso vivo obrigado pela possibilidade de reprodução bem como a gratidão ao Dr. António Silva por nos ter facultado este testemunho.

No essencial o relato tem oito partes - das quais só damos notícias de 4: I) Família; II) A Escola; III) Sobre Diogo Casseis; IV) Outras dimensões da Escola; V) Sobre a morte de Diogo Casseis; VI) A tolerância religiosa; VII) Aspectos familiares, vivência social e prática religiosa de Diogo Casseis; VIII) Sobre o Bispo Fiandor. A partes que destacamos são aquelas que de forma mais impressiva se referem ao trabalho pedagógico e social e ao processo de recrutamento.

⁵ Documento existente no Arquivo Histórico da Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica (Comunhão Anglicana) - V. N. Gaia.

O percurso da Escola do Torne, pelo menos durante o período de criação e consolidação, encontra-se extremamente detalhado na *Igreja Lusitana*. Assim poder-se-ão destacar os seguintes aspectos: As inovações pedagógicas (Lanterna mágica, Gabinete de Leitura, Aula de História Sagrada, Lições de Microscópio, Coleção de Vistas, Conferências, Quadros coloridos, etc.) surgem referenciados de forma sistemática a partir de 1899, n.º 61; os prémios escolares têm expressão desde 1895, n.º 1; o espaço escolar aparece em 1893; a creche começa a ser referida em 1902, especialmente nos n.ºs 108 e 115; para a instrução secundária (bem como os cursos de línguas, comércio, etc), para a escola nocturna e os professores o ano de 1895 é o início de crónicas frequentes, bem como para informação sobre o início de crónicas frequentes; a partir de 1896 começam a ser referidos os exames feitos pelos elementos da Congregação; entre 1902 e 1913 nas páginas da *Igreja Lusitana* ganha espaço toda e qualquer notícia sobre a Escola de Artes e Ofícios (e desde 1905, n.º 163, aparece a classe de costura), Desenho Geométrico, Práticas Comerciais, Ginástica; a Escola Dominical surge no n.º 110 de 1902 (Cf., também, "A festa das escolas dominicais no Porto", *ilustração Portuguesa*, 226, de 20 de Junho de 1910, p. 800); A Sociedade Evangélica de Socorros Mútuos de Vila Nova de Gaia e a Associação Cultural da Freguesia de Santa Marinha surgem, respectivamente, na *Igreja Lusitana* de 1900, n.º 75, p. 2, e de 1913, n.º 325, pp.2-4; as Sociedades de Socorros, Banco de Artistas, Gabinete de Leitura, Sopa Económica, são sistematicamente referidas desde 1895, com forte expressão nos anos de 1916 e 1917 para o Fundo dos Pobres (n.ºs 410, 417 e 419) e nos anos de 1918 e 1919 para a Sopa (n.ºs 452 e 482) no que se refere a despesas, locais e quantidades distribuídas.

Em 1892 fui ordenado presbytero. A *Capella do Redemptor* foi inaugurada em Abril 1883. A *Capella de S. João Evangelista* foi inaugurada em Abril 1894. O Presbyterio (ou residência do parcho) foi edificado em 1896. O *edifício do Prado* constando de Capella, 2 salas de Escola, Salão e habitação para o professor e porteiro foi inaugurado em Maio de 1901.

Parece-me que tenho respondido a todas as perguntas."

4. Queremos essencialmente enfatizar no testemunho de Rosa Pinto a dimensão comunitária e a dimensão fraterna, como modais na socialização: a espontaneidade do investimento afectivo e os signos de autenticidade opõem-se à república dos eleitos - à autoridade / hierarquia e ao ritualismo / regra⁶; a valorização da ética é um outro aspecto essencial, e, sabendo como esta questão é nuclear na socialização protestante, retenha-se a importância da concepção de um dispositivo global que ultrapassa a comunidade, mas que é a essência da mesma⁷.

Com esta *matriz* organizou-se o testemunho que passamos a transcrever e que manifesta uma parte do vivido nos tempos de criação e consolidação de um projecto existencial

«A Família»

A minha avó era católica-romana, a única pessoa que pertencia ao Evangelho era o pai... o avô da Maria Almeida Cavaco que era irmão da minha avó, da família Pinto de Almeida. A minha família era só ele.

A minha família está espalhada por todo o Concelho de Vila Nova de Gaia. Eram 10 irmãos. Da minha avó eram 9 irmãos, com ela dez, 5 rapazes e 5 raparigas. Tudo casou. Tudo deu filhos. Tudo deu netos. Espalhou-se por tal maneira por toda a parte a Família dos Soeiros... de maneira que eu vim para aqui. O meu avô era lavrador. Vim para aqui para a Quinta do Chorão. Morava na Rua do Telhado, em Santo Ovídio, que vem muito a pique, por ali abaixo, mesmo no Largo da Feira, e dali viemos para aqui porque o meu avô arrendou esta Quinta. Nasci em Vilar do Paraíso. O meu avô, o meu pai, a minha avó e a minha mãe e eu fui criada com eles.

A Escola

Tinha 6 anos de idade e fui para a Escola como aluna e depois fiquei como professora. Queria tirar o curso de professora mas cheguei ao 2º ano do Liceu e engatei. Aborreci-me e não quis mais estudar. Estava uma professora para se reformar, quer dizer, para se ir embora, para se casar, que era filha do Sr. Frank Jobbling, que era mordomo aqui na Igreja, era Inglês, do tempo do Sr. Diogo Casseis.

⁶ Cf. François-André Isambert, *Le sens ôu sacré. Fête et religion populaire*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1982, pp. 271 sq.

⁷ Ver em Jacques Ozouf, Mona Ozouf et al., *op. cit.*, a construção de vocações em comunidades protestantes, especialmente pp. 71 sq. e 182 sq.

Ainda não tinha bem 6 anos em Setembro, fazia os 6 anos em Abril... quando fiz os 6 anos a minha avó pediu a uma senhora que era professora aqui no Torne...

Tinha nessa altura [1896] a Maria Mariquinhas, professora do sexo feminino, a Rosa, que arranhou a meter-me aqui, professora de Lávares.

Havia 4 professores. Havia 4 classes. Haviam talvez 100 alunos, vinham de Avintes, Gulpilhares, Valadares, ..., tanto para a instrução primária como para a instrução secundária. Ainda havia a Escola Infantil.

A Igreja funcionou na Escola grande porque quando eu fui para a Escola, naquele recanto que faz entre a parede da Igreja e a Escola Infantil, aí estava um púlpito e tinha três degrauzinhos para quem fosse falar e depois as pessoas, com certeza, enquanto a Igreja se fez, assistiam ali ao culto naquela sala.

Depois essa professora casou e eu pedi ao Sr. Diogo se me dava o lugar. O Sr. Diogo disse-me que era uma pena. Fiquei aborrecida e deixei de estudar. Estava no 2.º ano do Liceu, tinha estudado singularmente português, geografia, desenho e assim... disciplinas separadas... Depois é que ele resolveu fazer... ensinar o Curso do Liceu e ele é que me disse:

Menina, tu aproveita também.

O Sr. Diogo é que me dizia assim:

É uma pena, tu andaste a estudar isto e aquilo para ires agora ensinar as primeiras letras.

Mas eu queria, embirrei para ali e ele cedeu-me o lugar. Fui ganhar 9 escudos por mês e ele disse-me quando pagou o 1.º mês:

Menina, eu vou-te dar 9 escudos, mas o ordenado que eu fazia à professora que estava aqui eram 6 escudos... mas tu que tens outros conhecimentos é uma pena tu estares aqui neste lugar e não queres estudar... dou-te 9 escudos.

A creche funcionou muitos anos na Rua 1º de Maio, numa casa abaixo onde moravam os Almeida. Uma casinha que estava lá ao fundo do quintal. Era a única creche que havia em Gaia. Depois é que se fundou a creche de Santa Marinha, na Rua General Torres, onde está. Mas a primeira creche que se fundou foi esta [a do Torne].

Quando fizeram o salão, fizeram aquela casa onde moravam as professoras, a D. Isabel passou para ali a creche e quem tomava conta da creche aqui era a Sr.ª D. Lucinda Anes. Uma senhora, até por sinal, muito boa senhora, tinha os filhos e um enteado e estava viúva e a Sr.ª D. Isabel empregou-a nisso... aquela sala da frente era a sala das crianças brincarem, estavam ali todo o dia... as mães traziam-nas para ali. Na creche havia uma dúzia de crianças. Estavam até aos 7 anos. Aos 7 anos passavam para a Escola, depois para a Secundária, depois arranjavam emprego... Havia muita gente que dizia:

Esta gente era só arranjar filhos e mandá-los para o Sr. Diogo... que ele os "arruma" a todos... Hoje muitos estão bem na vida, mas bem como bem... eu fiquei sempre ali.

A D. Rosa saiu. Casou. Depois veio a D. Amélia. O Sr. Nogueira.

O Sr. Diogo ensinou 5 professores que foram fazer exame de professores. Foi a última fornada que ele fez... não sei se ensinou mais... mas andava eu a estudar a instrução secundária e ele ensinou 5 professoras:

A D. Laurinda, a D. Carolina Beires, que era casada com o Alfredo Rodrigues, a Joaquina Martins, que era irmã da Isabelinha, a Júlia Mendes, que era irmã da D. Maria Mendes, que também era professora oficial, e a Carolina Alice Silva Porto, que era filha de um capitão.

Aqui ficou a D. Laurinda, a Joaquina foi para o Prado para ensinar rapazes. A Júlia Mendes foi para ensinar meninas no Prado. A Carolina Beires foi para o Candal, para a Escola do Sr. André e a Alice Porto foi para o Bonfim, para a Escola do Bonfim. Por isso elas aprenderam e ele deu rumo a todas. Todas se empregaram, e... aqui ficou a D. Laurinda sempre nas raparigas, a ensinar meninas. Depois, quando a Joaquina deixou de leccionar, foi para lá a Gracinda Rebelo e a D. Albertina vinha para cá... era a professora de Lavoros... assim não tem jeito, resolveram então trocar. A Gracinda Rebelo veio para aqui e o Sr. Nogueira foi para lá e a D. Albertina ficou lá de professora das raparigas e depois ficou uma filha também...

Sobre Diogo Casseis

O Sr. Diogo ensinou sempre instrução secundária. Durante o dia ele ensinava e durante a noite tinha alguns que ele ensinou e que ficaram a ensinar...

O Sr. Diogo Casseis fez um curso para ensinar futuros professores e para os alunos que quisessem... eu, a Gracinda Azevedo, casou depois e parece que foi para Viseu, a Laurinda Santos... o Hélio que foi para o Brasil, que era um rapaz dali de Oliveira [do Douro], que a gente lhe chamava "O Periquito" porque era muito pequenino. Estes eram os alunos do Curso do Liceu.

O Sr. Diogo Casseis era professor da secundária, não era da primária. Ele todos os dias ia à escola primária. À escola dos grandes. As classes juntavam-se todas ali à entrada... cantava-se um hino... ele dava uma explicação de qualquer coisa, perguntava-se doutrina. Todas essas coisas e ele assistia a isso. Havia um dia da semana, que era à 6.^a Feira, que ele dava explicações da Escola Dominical do domingo. Depois tinha as aulas do secundário e também ensinava a instrução primária. Ele também ensinava às vezes, um bocado de Matemática, assim uma coisa simples e isso... e fazia certas perguntas para ver em que altura os alunos estavam e assim...

Todas as manhãs o Sr. Diogo Casseis estava na Escola e depois de tarde ia dar as voltas dele por uma parte e por outra a falar com este e com aquele, lá a tratar da vida que tinha a tratar a respeito da Escola. Depois deixou o Escritório, deixou tudo, para se dedicar à Escola e dedicar à Igreja. Continuava a dar aulas no Secundário. À noite também dava aulas, dava lições de Física, Geografia e outras disciplinas que [os alunos] queriam aprender... Ele dava aulas... A D. Isabel também ensinava. Foi ela que me ensinou o francês. A D. Isabel tinha a creche mas não era ela que estava na creche.

Ele dizia mesmo... todas as que estavam ali... todas tinham sido alunas dele. Ele quando estava connosco tratava-nos por tu, beijava-nos e dizia assim:

Eu quando estou... ainda penso que vós sois ainda minhas alunas, sois como minhas filhas.

A gente casava e ele depois pedia licença aos maridos para nos beijar.

Não se importa que eu dê um beijo à sua esposa? Eu conheço-a desde pequenina. - começava ele.

Outras dimensões da escola

[Cantina]

Não, nunca teve. Ele tinha isto... ele socorria muita gente... A cantina funcionava onde foi o Gabinete, aqui, no Bairro, na casa onde mora hoje [1980] o Samuel. Morava lá o Sr. José Teixeira... e a mulher dele é que fazia a sopa para as crianças pobres, para as que queriam comer.

As crianças pequenas vinham da Escola e iam direitas para ali... e eleja tinha as mesinhas prontas e tudo... comiam a sopa e um bocadinho de broa e traziam um lanchezito aquelas que quisessem, porque era para as que quisessem, tanto fazia serem pobres como não ser, pelo menos quando fosse inverno elas tinham sempre a sopita quente e a Sr.^a Angélica que — era a mulher do Sr. Teixeira, é que fazia a sopa e pagava-se por cada tigela 5 réis. De maneira

que ela morreu também e a sopa acabou.

E depois é que se fundou a cantina aqui para as crianças porque ele dava muitas sopas a pessoas pobres e então tinha umas casas certas onde mandava fazer a sopa e iam ali comer, tanto daqui como do Prado. Vinham pessoas de uma certa idade e assim, ele dava umas senhas e iam a tal casa onde podiam comer uma sopa e no Prado tinha outra casa, outra loja, onde iam lá pessoas comer.

Depois, então, é que se fundou a Cantina e as crianças comiam aqui. Sim, as crianças da Escola comiam aqui. No Prado não sei como continuaram a fazer.

[Escola de Artes e Ofícios]

... e ao sábado não havia Escola e ele para os entreter comprou uma serra mecânica.

Funcionava ali no Salão. Faziam-se daqueles trabalhos... como uma caixinha que a Tia Maria me tinha dado... eram feitas na serra mecânica. Ele comprou a máquina e comprou a madeira e quem ensinava isso era o pai do Tomás Vieira.

(...) Ele era Capitão reformado.

Era um passatempo, mas se eles haviam de andar a fazer avarias, os que quisessem aprender tinham tudo às ordens, tinham quem os ensinasse. Era uma coisa útil e eles estavam entretidos.

Ele procurava sempre ter os rapazes, e raparigas, entretidos com qualquer coisa.

[Bairro de Casas Económicas]

Era com a intenção de ser para as pessoas pobres. Não era para entrar ou sair da Igreja. Era para as pessoas pobres. Claro que se houvesse pessoas que pertencessem à Igreja ele dava preferência, mas nunca negou a nenhuma pessoa que não fosse da Igreja que residisse numa casa dele. Depois é que edificou o Salão... para festas, para conferências,

A biblioteca que havia era o Gabinete... o Gabinete de Leitura. Tinha até uma tabuleta. Dizia ele que era para os operários que a noite se quisessem entreter, em vez de ir para a taberna, irem para ali. Tinha então uma estante com livros e o Sr. Teixeira estava ali a assistir para que não houvesse descatos e ninguém levasse algum livro, nem nada. Aí é que era o Gabinete de Leitura e aí funcionavam também os cursos de línguas: Inglês, Francês e Português, da instrução primária.

(...) mas ginástica bem feita, era o meu marido que ensinava, ele também ensinava música rudimentar para principiantes para saberem qualquer coisa de música, mas também houve uma Estudantina que funcionava aqui no Gabinete de Leitura.»

5. Os traços que optamos por salientar mostram indelevelmente como se processavam as estratégias de vinculação institucional, bem como o endo-recrutamento, e reforçam, também, que no caso da Escola do Torne, não se podem separar as pessoas da organização.

Quanto às estratégias de vinculação poder-se-ão distinguir os níveis formal e informal. Se do ponto de vista formal tal passou pela criação, consolidação e manutenção de redes de socialização, mais ao menos, complexas, que iam desde a Escola até ao Gabinete de Leitura, que pressupunham fortes inter-relações com circuitos fortes de informação / decisão que ultrapassavam os limites espaciais da comunidade. Já do ponto de vista informal, a base territorial mantinha-se, ganhando visibilidade o modo como a palavra era o veículo de uma mensagem distinta que se materializava em todo o tipo de cooperação, mas também de práticas concretas de solidariedade (como o relato deixa transparecer com nitidez) e pormenores de micro - história extremamente ricos e importantes para o conhecimento das formas de propagação e assimilação do culto religioso. Entrancamos, por último, no recrutamento dos protagonistas locais da missão evangélica onde caberá destacar a tensão entre noções comuns (cultura dominante) e o corpo teórico / doutrinal inovador que Diogo Casseis difundia e neste aspecto a Escola terá sido nevrálgica e o *hexis* de Diogo Casseis determinante.

A professora Rosa legou-nos uma memória onde estes particularismos são relatados com precisão e com elevado grau de plausibilidade.

Em conclusão somos conduzidos a afirmar que a consolidação protestante deve muito à personalidade dos seus impulsionadores, e ancorou-se em actores com grande dedicação e convicção: o sentido da alternativa evangélica não se esfumou no quotidiano, mesmo quando dissidendo simbólico-icónicos emergiam ou estratégias de subordinação ganhavam consistência⁸.

⁸ Para aprofundar algumas das questões desta história de vida, consultar as valiosas sínteses contidas em António Manuel Silva, Jaime Amadeus Dias (Coord.), *Gaia de há cem anos. Colóquio comemorativo do centenário da Igreja do Torne (1894-1994)*, Vila Nova de Gaia, Junta Paroquial de S> João Evangelista, 1995.